

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOÃO VITOR DE SOUZA BINO

**CORPO, FAMÍLIA E ENVELHECIMENTO GAY:**  
A EXPERIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO DE HOMENS GAYS SOB UMA ÓTICA  
FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

JOÃO VITOR DE SOUZA BINO

**CORPO, FAMÍLIA E ENVELHECIMENTO GAY:**  
A EXPERIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO DE HOMENS GAYS SOB UMA ÓTICA  
FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino

JOÃO VITOR DE SOUZA BINO

**CORPO, FAMÍLIA E ENVELHECIMENTO GAY:**  
A EXPERIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO DE HOMENS GAYS SOB UMA ÓTICA  
FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: PROF. DR. MARCUS CÉZAR DE BORBA BELMINO

Membro: PROF. DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

Membro: PROF. ME. JOSÉ RICARDO DE SOUSA SANTANA - URCA

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

**CORPO, FAMÍLIA E ENVELHECIMENTO GAY:**  
A EXPERIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO DE HOMENS GAYS SOB UMA ÓTICA  
FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

João Vitor de Souza Bino<sup>1</sup>  
Marcus Cezar de Borba Belmino<sup>2</sup>

**RESUMO**

Esta pesquisa analisa bibliograficamente a contribuição da literatura contemporânea acerca das experiências subjetivas de homens gays idosos durante o envelhecimento, destacando os desafios enfrentados, incluindo discriminação e estigma. A metodologia adota uma abordagem de pesquisa bibliográfica, focando em obras que abordam a intersecção entre velhice, LGBTfobia e fenomenologia-existencial. O objetivo é investigar a contribuição desta bibliografia contemporânea para a concepção de uma perspectiva fenomenológica-existencial do envelhecimento de homens gays. A pesquisa busca responder à pergunta central sobre como a experiência de envelhecer é vivida por homens gays sob uma perspectiva fenomenológica-existencial, explorando os aspectos emocionais, sociais e existenciais dessas vivências. Os resultados apontam para a importância de políticas inclusivas e sistemas de suporte que considerem os desafios específicos enfrentados por essa população, bem como para a relevância de estratégias comunitárias que promovam conexão e acolhimento.

**Palavras-chave:** Fenomenologia-Existencial, LGBT, Velhice, Corpo, Família.

**ABSTRACT**

This research bibliographically analyzes the contribution of contemporary literature regarding the subjective experiences of elderly gay men during aging, highlighting the challenges they face, including discrimination and stigma. The methodology adopts an exploratory bibliographic approach, focusing on works that address the intersection of aging, LGBTphobia, and existential phenomenology. The objective is to investigate the contribution of this contemporary bibliography to the conception of a phenomenological-existential perspective on the aging of gay men. The research seeks to answer the central question of how the experience of aging is lived by gay men from a phenomenological-existential perspective, exploring the emotional, social, and existential aspects of these experiences. The findings highlight the importance of inclusive policies and support systems that address the specific challenges faced by this population, as well as the relevance of community strategies that foster connection and support.

**Keywords:** Existential Phenomenology, LGBT, Aging, Body, Family.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: psicojoaovitorbino@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca explorar as vivências e os desafios que homens gays idosos enfrentam durante o processo de envelhecimento, empregando uma metodologia de pesquisa bibliográfica. O estudo pretende examinar não apenas os obstáculos cotidianos e psicológicos enfrentados por esses indivíduos, mas também a resiliência desenvolvida em contextos adversos. Isso abrange a análise de como a discriminação e o estigma afetam suas vidas, bem como as estratégias adotadas para manter o bem-estar emocional, social e existencial. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma análise bibliográfica abrangente, que inclui uma vasta gama de obras que interseccionam os temas de velhice de homens gays e fenomenologia-existencial. O intuito é, portanto, discutir de maneira profunda questões relacionadas à saúde mental e emocional, à influência da identidade sexual no envelhecimento e às diferentes formas de enfrentamento adotadas por esses homens, buscando oferecer uma visão holística e compreensiva de suas experiências.

Ao pensar numa geração idosa de homens gays no Brasil no século XXI, é importante compreender a trajetória dessa população no século XX. Acerca disto, Torelli *et al* (2023) elenca fatores que nos auxiliam a entender esta trajetória, demarcada pela invisibilização e estigmatização:

[...] a geração silenciosa e os *baby boomers*, nascidos respectivamente antes da Segunda Guerra Mundial e entre 1940 e 1960, [...] vivenciaram a criminalização da homossexualidade e a patologização das identidades de gênero e das orientações sexuais destoantes da heteronormatividade (classificadas até 1990 como distúrbio mental pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde). Outro fator que contribuiu para a estigmatização dos gays da geração *baby boomer* foi o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). A correlação da doença com a população gay fez com que ela chegasse a ser caracterizada à época como “câncer gay” ou “praga gay”. (Torelli *et al*, 2023).

A morte prematura de tantos homens gays durante a crise da AIDS, tanto pelos efeitos da doença quanto pelas violências motivadas pela estigmatização, interrompeu ciclos de aprendizado e solidariedade entre gerações, especialmente em um momento em que essas comunidades estavam começando a se organizar politicamente e socialmente. Houve uma perda significativa de figuras que poderiam ter sido mentores, ativistas mais experientes e vozes que transmitiriam suas vivências, além de laços intergeracionais que poderiam ter enriquecido o presente e o futuro do movimento.

As perdas vão muito além dos números. Elas envolvem o apagamento de histórias de vida, experiências e contribuições culturais que nunca tiveram a chance de serem transmitidas. Compreender o contexto histórico é essencial para avaliar a gravidade da situação. O pânico moral em torno do HIV no Brasil, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, teve um impacto devastador sobre a população LGBT, em particular os homens gays e bissexuais.

Hebert Daniel, sociólogo soropositivo e revolucionário durante a ditadura militar no Brasil, descreve a chegada da epidemia da AIDS no Brasil destacando a narrativa violenta que atrelava a disseminação da doença à grupos minoritários:

Por volta de 1983, esperava-se, apenas, a confirmação da presença da doença no Brasil. E a imprensa aguardava somente o nome da primeira vítima para produzir uma manchete já preparada de antemão. A manchete chegou, finalmente, exatamente no ano de 83 que viu um verdadeiro surto de interesse jornalístico sobre o que era então definido, de maneira objetivada, de "câncer gay" ou "peste gay" (Daniel; Parker, 1991, p. 32).

Hoje, quando olhamos para as gerações que envelhecem, notamos uma lacuna significativa. Muitos dos que seriam idosos gays sequer conseguiram chegar à etapa de envelhecimento, devido à violência estrutural que marginalizou tanto essa população, o que reduziu drasticamente a quantidade de homens gays que sobreviveram até a velhice.

Em aspectos temporais, envelhecer era visto como sinônimo de declínio e inatividade até pouco tempo. Com o aumento da expectativa de vida da população em geral, surgiram desafios sobre como garantir uma velhice saudável e digna, preservando bem-estar físico, mental e social. A expectativa de vida reflete a qualidade de vida de um país, influenciada por fatores como saúde e educação. Isso aponta para um momento histórico que já vem acontecendo, em que a participação de idosos no total da população se amplia de maneira contínua, fenômeno conhecido como envelhecimento populacional (Zanon; Moretto; Rodrigues, 2013).

Segundo Bosi (2004), em uma sociedade tecnológica focada no acúmulo exacerbado de capital, as oportunidades de trabalho e as normas sociais excluem aqueles que não estão envolvidos diretamente na produção, como a maioria dos idosos. Desta forma, ao perder seu papel de produção na máquina capital, o idoso experimenta uma perda de sentido na vida, sendo encorajado a ceder espaço aos jovens e se afastar de cargos de liderança. A sociedade valoriza sua resignação, ignorando suas vozes e limitando suas possibilidades de questionar ou desafiar o status quo (Bosi, 2004).

Num contexto de aumento da expectativa de vida de homossexuais, a luta contra a discriminação se torna ainda mais urgente, pois seus efeitos vão além de um simples

constrangimento, causando profundas cicatrizes no processo de civilização desses sujeitos. Sob uma ótica fenomenológica-existencial, vítimas de LGBTfobia estão sujeitas a atribuir sentidos negativos à própria concepção de si (integrar ao self atributos não autênticos) que não correspondem com a sua realidade, alienando-as de seus selves autênticos, muitas vezes pela experiência de isolamento social ou enrijecimento da produção de vínculos significativos, especialmente necessário no momento da velhice (Improta, 2017).

Este trabalho, uma pesquisa exploratória fenomenológica-existencial, busca compreender as vivências e desafios de homens gays idosos ao envelhecerem sob uma perspectiva fenomenológica-existencial, investigando os efeitos da discriminação e as estratégias de resiliência adotadas por essa população nas dimensões emocional, social e existencial. A pesquisa consiste em uma análise bibliográfica de obras que interseccionam os temas de velhice, LGBTfobia e fenomenologia-existencial. Esta análise busca, portanto, revelar questões de saúde mental e emocional próprias ao envelhecimento, a influência da identidade sexual no envelhecimento e as formas de enfrentamento desses indivíduos.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho adota a pesquisa bibliográfica, focando em uma análise exploratória de conteúdo bibliográfico disponível sobre os assuntos aqui tratados, a fim de investigar a experiência do envelhecimento de homens gays a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial. O objetivo geral é desenvolver um entendimento profundo e contextualizado sobre essa experiência única, considerando os aspectos subjetivos e existenciais envolvidos. Especificamente, pretende-se analisar como os homens gays vivenciam o envelhecimento e quais são os desafios e particularidades desse processo, ao mesmo tempo em que se explora como a abordagem fenomenológica-existencial pode enriquecer e aprofundar essa compreensão, possibilitando um olhar mais abrangente e humanizado sobre as suas vivências e sobre os significados atribuídos a essa etapa da vida.

Segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é constituída por:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Esse conteúdo bibliográfico foi coletado em bases de dados digitais, principalmente PePSIC, Google Acadêmico e SciELO, centrando-se em publicações acadêmicas em português e inglês que abordam a velhice, a identidade gay e a filosofia fenomenológica-existencial e as possíveis intersecções destes temas. Para refinar a busca e garantir a relevância das publicações incluídas, foram usadas palavras-chave como "fenomenologia-existencial", "velhice" e "LGBT". Esta última foi abordada cautelosamente, levando em consideração artigos que focam especificamente em homens gays.

Foram encontrados, inicialmente, 93 artigos que contemplavam as palavras-chave da pesquisa. Excluiu-se artigos que não interseccionam as temáticas debatidas e aqueles que se repetiam em diferentes bases de dados. Após uma análise mais profunda destes artigos, incluiu-se apenas aqueles que realmente se aproximavam do objetivo desta pesquisa, resultando em um quantitativo de 42 artigos utilizados como fonte bibliográfica.

A seleção de conteúdo bibliográfico seguiu critérios rigorosos para incluir obras que atendam ao objetivo de compreender os desafios e vivências de homens gays idosos. O processo de análise foi orientado pela pergunta-problema central: “Como a experiência de envelhecer é vivida por homens gays segundo uma perspectiva fenomenológica-existencial?”. Essa questão permite explorar tanto os efeitos da discriminação quanto as estratégias de resiliência adotadas por esses indivíduos na velhice, considerando as dimensões emocional, social e existencial de suas vivências.

Ao organizar e interpretar os dados, buscou-se identificar e categorizar as principais questões de saúde mental e emocional, a influência da identidade sexual na percepção do envelhecimento e as formas de enfrentamento adotadas por essa população. As publicações analisadas forneceram insights sobre como homens gays idosos lidam com o isolamento, a estigmatização e a marginalização. Destacaram, ainda, a importância do apoio social, da rede de amigos e da comunidade gay enquanto entidade de luta política no desenvolvimento de estratégias de resiliência.

Além disso, a análise permite compreender como a identidade sexual interage com outras dimensões da vida desses homens, influenciando sua autoimagem, autoestima e bem-estar emocional. Ao focar na experiência subjetiva e no potencial de autotransformação, a perspectiva fenomenológica-existencial oferece uma lente rica para explorar a complexidade do envelhecimento no contexto da diversidade sexual. Os resultados, por sua vez, apontam para a necessidade de políticas públicas e práticas clínicas que reconheçam e valorizem a singularidade dessas experiências, promovendo um envelhecimento digno e pleno para todos.

Em resumo, a metodologia aplicada permitiu uma compreensão aprofundada das vivências de homens gays idosos, ressaltando a importância de uma abordagem inclusiva e sensível às diversas facetas da identidade humana em face à velhice.

## 2.2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1. O Envelhecimento Gay no Século XXI

O fenômeno do envelhecimento manifesta-se de maneira complexa e multifacetada, caracterizado por profundas transformações sociais, demográficas e culturais. O aumento da expectativa de vida, aliado ao declínio das taxas de fecundidade, resulta em um rápido envelhecimento populacional, com impactos significativos nas diversas esferas da vida em sociedade (IBGE, 2020).

Segundo Dardengo e Mafrá (2019), o conceito de envelhecimento evoluiu significativamente ao longo da história. Inicialmente, em algumas sociedades antigas, os idosos eram valorizados por sua experiência e sabedoria, enquanto em outras, como na Grécia, a percepção variava conforme a classe social. Na China e no Japão antigos, os idosos eram respeitados e detinham poder. No entanto, com o tempo, especialmente na Idade Média e na era moderna, a velhice passou a ser vista de forma negativa, associada à doença e à incapacidade. A Revolução Industrial e as mudanças no modo de produção capitalista contribuíram para a desvalorização social dos idosos. No século XX, a velhice começou a ser reconhecida como uma fase distinta da vida, com a criação de sistemas de aposentadoria e o desenvolvimento de disciplinas médicas focadas no envelhecimento. Nas últimas décadas, o aumento da longevidade e o crescimento do número de idosos trouxeram maior atenção acadêmica e social ao envelhecimento, destacando a importância de entender e valorizar essa etapa da vida.

Frequentemente, os estudos sobre o envelhecimento concentram-se nas alterações fisiológicas que acompanham este processo, principalmente as modificações observadas nos sistemas imunológico, endócrino e neurológico (Macena; Hermano; Costa, 2018). Embora essas mudanças biológicas sejam cruciais para compreender o envelhecimento, essa abordagem pode ser limitada por sua visão reducionista. Focar predominantemente nos aspectos fisiológicos ignora as interações complexas entre fatores sociais, psicológicos e ambientais que também influenciam o envelhecimento. Além disso, essa perspectiva pode perpetuar estereótipos negativos sobre a velhice, desconsiderando a diversidade de experiências e capacidades dos idosos.

Segundo Viegas (2019), os estudos sobre o envelhecimento ainda são majoritariamente orientados por uma norma heterossexual, o que impossibilita a compreensão das diferentes formas de envelhecer numa sociedade diversa. Embora tenha havido um aumento recente de pesquisas focadas na interseção entre envelhecimento e diversidade sexual, a maior parte das análises continua a desconsiderar questões de orientação sexual e identidade de gênero de forma abrangente. Isso se reflete não apenas na academia, mas também em serviços especializados, que muitas vezes não acolhem adequadamente idosos gays, devido à baixa notoriedade dessa demográfica.

Desde que se datam os primeiros estudos sobre civilizações, nunca se registrou uma expectativa de vida maior do que a constante contemporânea. Na América Latina, por exemplo, a expectativa de vida aumentou de 50 anos após a Segunda Guerra Mundial para 69 anos em 1995, mas persistem grandes desigualdades nas condições de vida e saúde. Além disso, problemas de saúde que foram resolvidos em outras regiões ainda prevalecem, como certas doenças infectoparasitárias e questões de infraestrutura urbana. Ao mesmo tempo, há um crescimento de doenças crônicas não infecciosas, como câncer e doenças cardiovasculares, o surgimento de novos problemas, como a AIDS, e a inclusão de questões antes negligenciadas, como o uso de drogas, violência e estresse, no campo da saúde pública (Buss, 2000). Esta mudança na estrutura etária da América Latina tem demandado uma reavaliação dos estereótipos comumente associados à velhice, e neste contexto a psicogerontologia se apresenta como um campo de estudo relevante (Maia, 2008).

Assim como em todas as demais fases da vida, a velhice traz consigo uma série de experiências e desafios únicos, inerentes a essa etapa específica da existência humana. No entanto, para aqueles que não se identificam como heterossexuais e cisgêneros, é comum enfrentar um caminho marcado por preconceito e discriminação que prolongam-se uma vida toda. Esses elementos têm um impacto direto na forma como essas pessoas experimentam e expressam sua sexualidade, além de influenciarem sua saúde mental. (Gomes *et al*, 2020).

### **2.2.2. A Relação entre Corpo, Socialização e Envelhecimento para Homens Gays**

O amplo estudo de práticas clínicas de caráter fenomenológico-existencial auxilia-nos a lidar com as complexidades e singularidades da experiência de envelhecimento em populações marginalizadas, como a de homens gays idosos, de forma ética e subjetiva. Ao contrário de modelos terapêuticos orientados por técnicas rígidas, a abordagem existencial enfatiza uma "atitude" terapêutica, isto é, um compromisso em compreender profundamente a

estrutura da existência humana, com foco nas questões e desafios específicos de cada indivíduo. Segundo May (1975):

O Existencialismo é uma atitude, uma abordagem dos seres humanos, não uma escola ou um grupo especial. Também não é um sistema de terapia, embora lhe dê subsídios relevantes. Não é um conjunto de técnicas, embora possa dar-lhes origem. É antes uma preocupação em compreender a estrutura do ser humano, e sua experiência, à qual deve, em maior ou menor grau, estar subordinada toda a técnica (p. 17).

Nesse contexto, o terapeuta existencial não busca aplicar soluções ou técnicas pré-determinadas, mas, sim, acompanhar a pessoa em um processo de investigação genuína sobre o significado, o valor e as limitações da própria vida, levando em conta a interseção entre envelhecimento, identidade sexual, solidão e a busca por autenticidade.

Essa abordagem é particularmente relevante na gerontologia, pois permite explorar questões existenciais centrais no envelhecimento, como a aceitação da finitude, a solidão e a ressignificação da própria história de vida. Além disso, a clínica fenomenológica-existencial incentiva os profissionais a criarem um espaço onde o idoso possa enfrentar questões relacionadas à discriminação e às dificuldades de aceitação social, refletindo sobre as perdas, mudanças e possibilidades ainda presentes em sua trajetória. O caráter não diretivo e não normativo da abordagem facilita uma compreensão mais rica das vivências subjetivas e incentiva a resiliência e o desenvolvimento de uma relação mais autêntica consigo e com os outros. Em última análise, a importância da clínica fenomenológica existencial no trabalho gerontológico reside em seu potencial para ajudar o indivíduo a encontrar sentido e valor em sua experiência, promovendo uma velhice mais consciente, digna e em harmonia com sua própria história e identidade (Nogueira, 2014).

Para o existencialismo, somos sempre seres em relação com os outros; não há individualidade ou subjetividade fora desse contexto (Tavares, 2019). Assim, a vivência da velhice é influenciada pelo olhar e pela relação com o outro, condicionando uma busca por sentido de vida nesse momento de envelhecer que envolve estar em relação com os outros.

De acordo com a filósofa francesa Simone de Beauvoir, a velhice deve ser compreendida como um fenômeno que envolve três dimensões interdependentes: a biológica, a psicológica e a existencial. Essa perspectiva é desenvolvida no segundo volume de sua obra "A Velhice" (1970), intitulado "As Relações com o Mundo", onde Beauvoir explora três diferentes dimensões do processo de envelhecimento; entre elas, a dimensão existencial. A autora põe em perspectiva a visão social da velhice como um simples declínio ou preparação para a morte, ressaltando que essa fase da vida representa uma etapa legítima e contínua da

existência humana. Para Beauvoir, a velhice não é algo que se resume a uma mudança física ou psicológica, mas sim uma condição que afeta profundamente a maneira como o indivíduo interage com o mundo e como é visto pela sociedade (Beauvoir, 1990).

Beauvoir argumenta que a sociedade moderna tende a homogeneizar a velhice, tratando-a como um objeto analisado do exterior, de forma impessoal. Esta perspectiva reduz as potencialidades das experiências de pessoas em processo de envelhecimento, desconsiderando suas particularidades e o impacto da trajetória de vida na construção de seu *ser-velho*. Em sua obra, Beauvoir observa que a sociedade contemporânea é competitiva, produtivista e machista, valores que contribuem para a exclusão dos mais velhos, afastando-os do mercado de trabalho e, em muitos casos, limitando seu papel social. Esse afastamento resulta não apenas em uma perda de autonomia e de propósito, mas também em uma reiteração da marginalização dos idosos, que passam a ser considerados menos produtivos e, portanto, menos valorizados. Atualmente, essa produção de tantas angústias ocupa um grande espaço nas psicoterapias com idosos, nas clínicas e políticas públicas mundo afora.

O método fenomenológico permite ir além das estatísticas e dos dados objetivos frequentemente utilizados para estudar o envelhecimento. Segundo a perspectiva fenomenológica, o envelhecimento não é apenas um processo de perdas e declínio, nem é determinado pelo indivíduo. Envelhecer bem e ter uma velhice de qualidade resultam, portanto, da interação de diversos fatores (Boris; Nogueira, 2019). O envelhecimento é visto, portanto, como uma manifestação de um ser em constante movimento, integrado com o mundo ao seu redor, que o molda e é moldado por ele, passível de produzir *vida*. Além disso, a perspectiva fenomenológica destaca a importância do corpo vivido, ou seja, o corpo como campo criador de sentidos (Nóbrega, 2008). À medida que se envelhece, capacidades físicas e percepções corporais mudam, e essas mudanças afetam profundamente a interação com o ambiente.

Segundo Laslett (1989), a terceira idade representa o coroamento da vida, a plenitude que floresce após anos de dedicação e trabalho. Nessa fase, livres das obrigações da vida adulta, os indivíduos são convidados a tecer novas relações, explorar atividades e assumir compromissos que estejam em sintonia com seus desejos e sonhos. Em outras palavras, a terceira idade se configura como um espaço de potenciais liberdade e autonomia, onde cada indivíduo pode se dedicar ao que realmente lhe importa, sem a pressão de expectativas sociais ou obrigações mercadológicas. É um momento para desfrutar da vida em seu ritmo próprio, explorando novos horizontes e construindo laços significativos com aqueles que ama.

Estudos que interseccionam o tema de envelhecimento da população LGBT ainda são escassos, já que, assim como pontua De Vries e Blando (2004), o estudo da gerontologia social tende historicamente a estudar grupos familiares, especialmente indivíduos heterossexuais, caucasianos, relativamente bem-educados e de classes médias. Desta forma, estudar os marcadores sociais que permeiam o processo de envelhecimento de corpos dissidentes torna-se indispensável para romper a superficialidade do estudo da Psicogerontologia no Brasil.

Durante a transição da ditadura militar para a redemocratização no Brasil, a epidemia de HIV-AIDS revelou profundos desafios para a população LGBT, agravando o estigma e a discriminação social. Setores conservadores, particularmente os neopentecostais, reforçaram narrativas preconceituosas ao associar a doença à ideia de uma "peste gay" (Silva, 2011). Esse período deu início a um processo de estigmatização que perdura até os dias de hoje, afetando principalmente aqueles que vivenciaram tal processo vividamente e hoje são idosos.

Acerca dos prejuízos que são estigmatizados ao processo de envelhecer, o estreitamento das relações sociais se destaca. De acordo com Lang (2001), o envelhecimento é frequentemente descrito como um processo marcado pela redução do número de relações significativas, resultando em aproximadamente metade das conexões sociais que os idosos possuíam na fase inicial da vida adulta. Convencionalmente, os laços sociais relevantes nesta fase da vida restringem-se aos familiares do idoso. Desta forma, para compreender as possibilidades de vida na vida adulta tardia, faz-se necessário compreender também estes prejuízos - mas não limitar-se a eles.

Identifica-se um contexto de que a não aceitação da orientação sexual e identidade de gênero devido a opressão social que era muito mais intensa. E na velhice, é comum ocorrer uma descarga de arrependimento de não ter experienciado a sexualidade desde a juventude, e nesta fase do desenvolvimento resta a solidão e a busca do sexo com jovens. Numa sociedade que cultua a beleza jovem, ser idoso LGBT é sofrer duplamente. (Santos *et al.*, 2019).

De acordo com Moustakas (1972), a solidão é descrita como o processo de vivenciar os extremos da existência individual, desde a dor e a mortalidade até a apreciação da beleza, alegria e maravilha de estar sozinho. Essa experiência é, portanto, compreendida holisticamente, numa teia de divisões que se complementam e são indissociáveis entre si.

Ao conceituarem a solidão, Pinheiro e Tamayo (1984, p. 29) elencam uma divisão das "faces" da solidão em seis, sendo elas: *falta de objetivo e significado de vida*, isto é, pois solidão não se trata apenas de uma condição, mas sim de uma necessidade fundamental de autenticidade, significado e conexão, especialmente em uma cultura que muitas vezes

desumaniza e aliena; *reação emocional*, pois a experiência de solidão inclui componentes emocionais, ao passo em que, por si só, é uma reação emocional a uma ausência de relacionamentos gratificantes importantes; *sentimento indesejado e desagradável*, por se manifestar como um sentimento que permeia uma experiência excessivamente desagradável e direcionada; *sentimento de isolamento e separação*, caráter de destaque no presente estudo, porque sempre implica em uma qualidade central de isolamento, seja este emocional, social ou existencial; *deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade*, outro ponto central deste estudo, em virtude das implícitas falta de competência interpessoal e falha interpessoal; e *unattachment*, em outras palavras, a ausência de intimidade vivenciada de forma positiva com outra pessoa, que é percebida como importante e desejada por ambas as partes no relacionamento. (Pinheiro; Tamayo, 1984).

O objetivo de observar os aspectos fundamentais à experiência de solidão na velhice dissidente é obter a capacidade de conceituá-la de forma aprofundada. Em sua análise sobre a solidão na velhice, Williams (1978) explica que esse fenômeno se manifesta como um sentimento prevalente em que a pessoa percebe uma falta de preocupação com o que está acontecendo consigo. Esse sentimento se manifesta através da auto-piedade, levando a pessoa a focar apenas em si mesma e em suas expectativas em relação aos outros.

Acerca das consequências da experiência de violência na socialização de indivíduos homossexuais, Façanha (2021) defende que a violência contra LGBT causa graves impactos psicológicos, como isolamento, negação da identidade e medo. A marginalização é reforçada pelo preconceito e pela falta de aceitação social, exacerbando o sofrimento e a insegurança. Mesmo com políticas públicas, a discriminação persiste, levando à invisibilidade e ao agravamento de traumas, aumentando o risco de depressão, uso de drogas e suicídio.

Sobre o processo de envelhecimento corporaçaõ de homens gays, Lima e Leite Jr. (2018) refletem:

A intersecção entre o corpo, envelhecimento e sexualidade se depara com os tortuosos ditames que a sociedade impõe sobre a sexualidade enquanto forma de desempenho corporal e no empenho de suprir as linhas da contemporaneidade que exalta os corpos perfeitos. (Lima; Leite Jr., 2018)

Quando falamos do *corpo envelhecido*, ele carrega em si marcas de tempo, de história e de experiência. O corpo, sob a ótica fenomenológica de Merleau-Ponty, é muito mais do que um objeto físico; ele é o meio pelo qual experimentamos o mundo e nos situamos nele (Merleau-Ponty, 1999). Na sua filosofia, o corpo não é apenas algo que temos, mas algo que somos. Ele é fundamental para a percepção e para a construção do ser-no-mundo, agindo como um ponto de interseção entre o eu e o outro, entre o interior e o exterior.

A imagem do corpo na velhice carrega um simbolismo profundo, pois reflete o exterior modificado pelo tempo, mas também expressa a continuidade de uma interioridade que permanece viva. Esse contraste entre a aparência externa e a percepção interna é central para as reflexões existencialistas sobre o envelhecimento, pois revela a coexistência da mudança física com uma identidade que, embora transformada, mantém sua essência. Este contraste se dá, também, em nosso contato com outros: reconhecemos no outro “uma extensão do narcisismo do corpo” (Merleau-Ponty, 1994, p. 287).

Merleau-Ponty sugere que o corpo é a nossa maneira de habitar o mundo, um veículo de percepção:

O corpo é nosso meio geral de ter no mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à observação da vida e correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 203)

No envelhecimento, esta percepção se transforma à medida que o corpo muda, não só nas suas capacidades, mas também na sua presença social. O corpo envelhecido, portanto, ganha novos significados: movimentos que antes eram automáticos — como andar, levantar-se ou interagir com objetos — podem se tornar demandantes, exigindo atenção e planejamento. A relação com o espaço ao redor muda, assim como a experiência do tempo: o presente pode parecer mais curto, e o futuro, menos tangível.

Além disso, a sociedade impõe suas próprias expectativas sobre o corpo, muitas vezes marginalizando o corpo envelhecido em favor da juventude. Isso gera angústia naqueles que estão envelhecendo, pois suas identidades corporais já não correspondem àqueles ideais sociais. É, portanto, através do envelhecimento que o corpo se revela em sua vulnerabilidade, mas também em sua sabedoria acumulada. A interseção entre corpo e envelhecimento, vista sob o diálogo entre os existencialistas Merleau-Ponty e Beauvoir, revisitada por Domingues e Freitas (2019), sugere que mesmo as limitações que o tempo impõe ao corpo podem ser compreendidas como parte integrante da nossa existência, desafiando a ideia de que o envelhecimento é sinônimo de decadência. O corpo envelhecido carrega não apenas a história do tempo vivido, mas uma nova percepção do presente, do aqui e agora, em que a finitude se torna uma presença inevitável, mas que não necessariamente diminui o valor da experiência.

### 2.2.3. O Papel da Figura Familiar no Envelhecimento de Homens Gays

A ideia de que a família é a principal responsável pelos idosos é raramente questionada e frequentemente mencionada nos discursos que acercam a Psicogerontologia. Ao interseccionar esse ideal à esta discussão, torna-se evidente que o papel da família na socialização de idosos gays é particularmente complexo devido às dificuldades enfrentadas por pessoas LGBT na formação de suas próprias famílias, dadas as barreiras impostas aos corpos dissidentes no processo de constituição e reconhecimento familiar (Guedes, 2000).

O reconhecimento legal de famílias constituídas por uma parentalidade homossexual por meio do casamento existe no Brasil desde 2011. Neste ano, o Supremo Tribunal Federal ampliou seu entendimento para permitir não apenas uniões estáveis, mas também o casamento homoafetivo, seja pela conversão da união estável ou pelo casamento direto. Da mesma forma, também em 2011, o Superior Tribunal de Justiça decidiu que o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é possível, reconhecendo a falta de proibição explícita e considerando inaceitável qualquer interpretação implícita da Constituição que sugerisse tal vedação (Faro; Pessanha, 2014). Mesmo assim, os estigmas sociais e a normatização do contexto familiar heterossexual impedem que muitos agrupamentos afetivos sejam reconhecidos enquanto família.

A falta de reconhecimento social das relações homoafetivas leva ao isolamento e à solidão dos indivíduos nessa demográfica. Mesmo em países onde o casamento entre pessoas do mesmo sexo é legal, casais não têm acesso automático a pensões e benefícios sociais. Após a morte de um parceiro, o idoso pode enfrentar dificuldades financeiras e perder direitos, como a herança da pensão e da moradia, que são assegurados a casais heterossexuais (Leite, 2014). Nessa perspectiva, compreender que famílias LGBT são atravessadas por um processo civilizatório que não as contempla em suas subjetividades é fundamental.

Devido ao não-reconhecimento de grupos familiares compostos por parentalidades homossexuais, à trajetórias permeadas por sofrimento e ao conjunto de estigmas que estão atrelados ao processo de envelhecimento, idosos homossexuais estão suscetíveis a uma experiência de sofrimento pungente.

Diante disto, a noção de "família de escolha" (*chosen family*) (Weston, 1991) surge como uma alternativa fundamental à estrutura tradicional de família, especialmente no contexto das experiências vividas por pessoas LGBT. Segundo Levin *et al*,

Família escolhida implica uma formulação alternativa que subverte, rejeita ou supera as classificações biológico-legais assumidas como definitivas dentro de um paradigma [...] de parentesco. A origem do termo 'família escolhida' no discurso das ciências sociais deriva do livro da antropóloga Kath Weston, *Families We Choose*:

*Lesbians, Gays, Kinship*. [...] Weston descreve o papel central que amigos próximos desempenham na vida de minorias sexuais que frequentemente enfrentam distanciamento ou rejeição por parte de suas famílias de origem. (Levin, 2020).

Diferentemente do modelo familiar baseado em laços biológicos e de parentesco legal, a família de escolha é composta por amigos, parceiros e membros da comunidade que se tornam os principais provedores de suporte emocional, social e, muitas vezes, de cuidados de saúde no final da vida (Stinchcombe *et al*, 2017). Num contexto de marginalização das famílias de parentalidade homossexual, a família de escolha se torna uma alternativa viável em resposta a essa exclusão em que formam-se redes de apoio que replicam as funções tradicionais de uma família tradicional, tais como prover suporte emocional, compartilhar responsabilidades cotidianas e garantir cuidados em situações de doença ou na velhice.

#### **2.2.4. Comunidades e Novas Perspectivas de Redes de Apoio na Velhice**

Para além de grupos familiares, convém destacar que a luta coletiva também se revela como um mecanismo essencial de coping no envelhecimento de homens gays, especialmente diante das múltiplas formas de violência que enfrentam, frequentemente agravadas por marcadores sociais como raça, identidade de gênero e contexto geográfico. Em muitos casos, a rede de apoio tradicional, como a família, assume um papel ambíguo, podendo ser tanto uma fonte de apoio quanto um agente de violência. Assim, os movimentos sociais e as redes de amizade se tornam espaços seguros e fortalecedores, onde esses homens podem compartilhar vivências, encontrar compreensão mútua e resistir às pressões e discriminações estruturais (Farias; Gomes; Modena, 2018). Esse apoio coletivo não apenas oferece suporte emocional, mas também reforça a identidade e a resiliência, ajudando-os a lidar com o envelhecimento de maneira mais digna e solidária.

Por sua vez, as políticas públicas voltadas para a população idosa LGBT enfrentam desafios relacionados ao preconceito social e à necessidade de independência financeira para garantir qualidade de vida (Santos; Araújo, 2018). Estigmas e discriminação levam muitos idosos LGBT a evitarem os serviços de saúde, mesmo com a existência da política nacional de saúde LGBT, pois o atendimento ainda reforça sentimentos de desamparo (Salgado *et al.*, 2017). A Política Nacional de Assistência Social (PNAS), estabelecida em 2004, visa enfrentar desigualdades e garantir direitos sociais a pessoas em vulnerabilidade; em 20 anos, porém, pouco se desenvolveu em relação à subjetividade da assistência à população gay idosa, tendo como principais ações: propôs ampliar os conceitos de família para incluir arranjos LGBT e assegurar a inclusão de recortes de orientação sexual, identidade de gênero e questão

étnico-racial nos programas sociais do Governo Federal, além de combater a homofobia em órgãos públicos e abordar questões da população carcerária LGBT.

Em paralelo, o Programa Brasil sem Homofobia (BSH), criado também em 2004, propôs promover cidadania e combater a violência homofóbica, mas, apesar de abordar áreas como saúde e segurança, excluiu a Assistência Social. Embora algumas ações do BSH se sobreponham à assistência social, a falta de um enfoque específico para esse setor mostra a necessidade de avanços nas políticas de apoio a essa população (Andrade, 2022).

O envelhecimento é uma jornada paradoxal que nos mergulha em uma constante tensão entre nossa identidade persistente e as mudanças incessantes de nosso corpo e mente. Este processo, repleto de metamorfoses, nos força a questionar quem realmente somos, mesmo enquanto permanecemos fundamentalmente os mesmos. Envelhecer significa enfrentar a dualidade entre o conforto de nosso corpo habitual e as transformações do presente, bem como lidar com a percepção objetificante do outro e com o desconhecido que reside dentro de nós (Domingues; Freitas, 2019).

Tocar e ser tocado, olhar e ser visto, pares ambíguos que constituem nossos modos de apreensão do mundo. Envelhecer não é uma experiência unidirecional, em que é preciso negar uma de suas facetas para vivenciá-la verdadeiramente (Domingues; Freitas, 2019, p.15).

Além disso, somos continuamente desafiados por uma cultura que impõe barreiras e restringe nossa capacidade de viver plenamente quem somos, destacando nossa corporeidade não só como fonte de sentido, mas também como um limitador de possibilidades, especialmente evidente nas experiências das mulheres, conforme discutido pela autora mencionada.

As especificidades do processo de envelhecimento de pessoas LGBT escancaram a indiferença estrutural que os marginaliza. Ao longo de suas vidas, essa população já enfrenta barreiras impostas por uma sociedade que a invisibiliza; na velhice, essa exclusão apenas se aprofunda. Historicamente, homens gays foram

As instituições de saúde e de assistência social, ao invés de acolherem e reconhecerem a complexidade de suas necessidades, acabam, muitas vezes, perpetuando práticas padronizadas que ignoram as realidades de gênero e orientação sexual não normativas. Isso resulta em um abandono institucionalizado, onde o envelhecimento para a população LGBT é sinônimo de solidão e isolamento, reflexo da recusa em tratá-los como cidadãos plenos.

O corpo social vigente, em sua obsessão pela juventude, reforça ainda mais a marginalização de corpos envelhecidos e dissidentes. Daniel, Antunes e Amaral (2015) apontam que isso se dá, em parte, devido a uma tendência dos diferentes grupos geracionais de se enxergarem superficialmente. Assim, relações intergeracionais são fundamentais para construir vínculos e explorar as experiências de cada fase da vida, rompendo com os tabus e estereótipos que a sociedade tende a impor. A exaltação da juventude não apenas desumaniza aqueles que já não se enquadram nesse ideal, mas relega os idosos LGBT a uma espécie de “não lugar”, onde se tornam presenças indesejadas, deslocadas. Essa lógica não só define o valor das pessoas pelo quão próximas estão de um ideal estético e normativo, como reduz a experiência de envelhecer à invisibilidade e ao desprezo. A velhice para esses indivíduos se torna, então, uma fase em que o preconceito e o isolamento se somam, sublinhando o desinteresse da sociedade em reconhecer e valorizar suas histórias.

Mesmo onde existem discursos que falam de inclusão, o que se observa é um vazio prático. Na teoria, políticas afirmam contemplar a diversidade, mas, na prática, priorizam um padrão homogêneo e convenientemente ignoram demandas que não se encaixam nesse molde, levando a um processo em que políticas públicas voltadas à essa população perdem legitimidade e eficácia, resultando em sua mudança ou extinção, geralmente em resposta a desafios organizacionais, fenômeno caracterizado por Feitosa (2021) como *desinstitucionalização*. Esse fenômeno ocorre simultaneamente à formação de novas instituições que podem substituir as antigas, refletindo mudanças nas agendas políticas e sociais. Numa conjuntura onde o modelo neoliberal impera em todo o mundo, o processo de desinstitucionalização é extremamente útil na sustentação das estruturas de poder e ordem sobre os corpos dissidentes.

Ora, se é diante de um processo de perda do potencial de produção que se materializa a discriminação contra pessoas idosas, é válido enfatizar a influência do neoliberalismo na conceitualização do que é uma “vida útil”. Essa discussão é elucidada por Teixeira (2008), ao descrever o capitalismo como, antes de tudo, um sistema de expropriação do tempo de vida - conceitualização que desafia a própria noção de temporalidade como algo natural; no capitalismo, portanto, a própria velhice é expropriada de uma temporalidade biológica em prol de sintomas improdutivos.

Em paralelo, Junqueira (2013) define que a homofobia é um fenômeno social que envolve preconceitos, discriminação e violência contra qualquer pessoa ou estilo de vida que transgrida as normas de gênero e a heteronormatividade por meio de mecanismos que agem através da vigilância, controle, classificação, correção e marginalização, principalmente sob a

perspectiva de uma adequação ideológica. Embora a homofobia e o *heterossexismo* - sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma não heterossexual de comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade (Herek, 1992) - atinja todas as camadas sociais, estes têm alvos preferenciais e consequências desiguais. Por exemplo, homens que não cumprem as normas da masculinidade hegemônica são levados a conceber uma vida que não contempla qualquer forma de normalidade, seja pela exclusão da possibilidade de estabelecer um grupo familiar ou pela dificuldade de manter relações duradouras na velhice.

A posição dominante dos homens é sustentada por um arsenal heterossexista que protege seus privilégios (Junqueira, 2013). Por isso, quando um homem nega essa posição protecionista em prol de abraçar seus desejos sexuais e românticos, as violências acontecem, muitas vezes, de forma velada; a experiência de sofrimento do homem gay é multifacetada devido à ausência de privilégios que, por muitas vezes, são negados ao homem não-idealizado, que não está no centro das discussões neoliberais, seja por sua orientação sexual, raça, nacionalidade, etc.

Em resumo, o envelhecimento para pessoas que já sofrem com opressões sistemáticas é uma experiência complexa, marcada tanto por desafios quanto por oportunidades de crescimento pessoal e resiliência. A velhice pode ser tanto uma extensão das dificuldades enfrentadas ao longo da vida quanto um período de autoconhecimento e adaptação, onde o irrealizável se torna realizável, e a vivência da velhice se integra à identidade e à existência diária.

A Psicologia deve se envolver ativamente nos processos que levam à implementação de políticas públicas que lidam com o reconhecimento de populações marginalizadas, assegurando uma velhice digna e respeitosa para toda a população, em especial, devido ao teor deste trabalho, aos idosos LGBT. Nos próximos anos, será fundamental incluir temas relacionados à diversidade sexual nos currículos acadêmicos, formando profissionais capacitados para oferecer um atendimento inclusivo. Na prática clínica, devem ser adotadas estratégias de resiliência e apoio, com o objetivo de combater o isolamento e o estigma. Além disso, a Psicologia deve ampliar sua compreensão sobre o envelhecimento LGBT, incentivando pesquisas que explorem as especificidades dessa população.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De início, este trabalho fora concebido como uma pesquisa de campo que buscava entender como homens gays com 65 anos ou mais atribuíam significados à velhice na região

do Cariri cearense. Todavia, experienciei uma dificuldade extrema em chegar a esse público, mesmo tendo acesso a diversos meios de comunicação e instituições de apoio. A escassez de representação desta demográfica em todo o Brasil é, acima de tudo, o resultado de um somatório cruel de vivências oprimidas e invisibilizadas.

Partir deste princípio me auxilia a enxergar esta problemática para além de uma pauta identitária, tendo em vista que a população de homens gays na terceira idade pode enfrentar não somente o desamparo e a solidão, sentimentos tão entrelaçados à uma vivência de minoria, como também negligência em políticas públicas e centros de cuidado. Estes, se não olharem atentamente para a subjetividade de cada idoso que é atendido, podem não chegar à compreensão da importância de agregar as especificidades de populações minoritárias ao cuidado em seu processo de envelhecimento, pois entendo que estas são indissociáveis de qualquer momento da vida.

Os principais objetivos deste trabalho eram entender as experiências subjetivas de envelhecimento entre homens gays e identificar as implicações para a saúde mental e o suporte social. A pesquisa atingiu com sucesso esses objetivos, fornecendo valiosos insights sobre as dimensões emocionais e sociais do processo de envelhecimento deles.

Além disso, os resultados achados destacaram a complexa interação entre envelhecimento, identidade sexual e percepções sociais. Os resultados encontrados ressaltaram a necessidade de políticas e práticas mais inclusivas que reconheçam os desafios específicos enfrentados por esse grupo demográfico.

Por fim, concluo que pesquisas futuras devem focar no desenvolvimento de intervenções direcionadas e sistemas de suporte para homens gays mais velhos. Isso inclui a defesa de mudanças políticas que abordem suas necessidades específicas e a exploração do potencial de iniciativas comunitárias que promovam a conexão e o apoio entre essa população.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. D. **Políticas Sociais para a Comunidade LGBT na Terceira Idade**. [s.l].

2022. Disponível em:

<<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/4612/1/Deise%20Maria%20Silva%20de%20Andrade.pdf>>.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1990.

BERG-WEGER, M.; MORLEY, J. E. Loneliness in Old Age: an Unaddressed Health Problem. **The Journal of nutrition, Health & Aging**, v. 24, n. 3, p. 243–245, 16 jan. 2020.

BORIS, G. D. J. B.; NOGUEIRA, C. F. Envelhecimento na perspectiva fenomenológico-existencial de Sartre e de Beauvoir. **Rev. psicol.**, Santiago, v. 28, n. 2, p. 95-109, dic. 2019.

BOSI, E. (2004). **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 163–177, 2000.

CUSTÓDIO, L. F. O. O Processo de Envelhecimento no Capitalismo Contemporâneo. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018.

DANIEL, F.; ANTUNES, A.; AMARAL, I. Representações sociais da velhice. **Aná Psicológica**, Lisboa, v. 33, n. 3, p. 291-301, set. 2015

DANIEL, H.; PARKER, R.. **AIDS: a terceira epidemia – Ensaios e Tentativas**. ABIA. 1991.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de ciências humanas**, n. 2, 2018.

DE VRIES, B.; BLANDO, J. The study of gay and lesbian aging: lessons for social gerontology. In: HERDT, G.; DE VRIES, B. (Ed.). *Gay and lesbian aging: research and future directions*. New York: Springer, 2004. p. 3-28.

DÍAZ, A. Understanding the digital experience: phenomenological IS research. **Chapters**, p. 88–103, 2023.

DOMINGUES, R. C.; FREITAS, J. L.. A fenomenologia do corpo no envelhecimento: diálogos entre Beauvoir e Merleau-Ponty. **Revista Subjetividades**, v. 19, n. 3, 2019.

FAÇANHA, C. et al. Pessoas LGBT preconceito e superação: movimento para além da dor e do sofrimento sob o viés da fenomenologia. **Educamazônia - Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 13, n. 2, jul-dez, p. 384-408, 2021.

FARIA, M. A. de; GOMES, M. C. A.; MODENA, C. M.. A Luta é Coletiva, Mas a Resistência é Individual: Coping contra Violência desenvolvidas pela Comunidade LGBT Universitária. In: *Anais Do 12º Congresso Brasileiro De Saúde Coletiva*, 2018, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2018.

FARO, J.P. ; PESSANHA, J. A. O casamento civil homoafetivo e sua regulamentação no Brasil. **Revista de bioética y derecho**, n. 32, p. 72-81, 2014.

FEITOSA, C. Do “Kit Gay” ao “Ministério da Família”: a desinstitucionalização das políticas públicas LGBTI+ no Brasil. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 14, n. 43, p. 74–89, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002

GOMES *et al.* Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações Sociais acerca da velhice LGBT. **Psychologica**, 63(1), 45-64, 2020.

HEREK, G. M. **The social context of hate crimes: notes on cultural heterosexism**. In: HEREK, G. M.; BERRIL, K. T. *Hate crimes: confronting violence against lesbians and gay men*. Newbury: Sage, 1992, p. 89-104.

HUGHES, M. Saúde e bem-estar de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais com 50 anos ou mais. **Aust Health Rev.** 2018; 42(2):146–151.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Estimativas populacionais para o Brasil: 2020-2060**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 08 jun. 2024.

IMPROTA, B. **Do processo de envelhecer: memória, narrativa e a arte de contar histórias na perspectiva da Gestalt-terapia**. UFBA.br, 3 out. 2017.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: A normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, v. 13, p. 481–498, [s.d.].

LANG, F. R. Regulation of Social Relationships in Later Adulthood. **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 56, n. 6, p. 321–326, 1 nov. 2001.

LASLETT, P. **A Fresh Map of Life. The Emergence of the Third Age**. Cambridge: Harvard University Press, 1989. 213p.

LIMA, R. O.; LEITE JUNIOR, F. F. Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino. **Revista Sustinere**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 106–133, 2018. DOI: 10.12957/sustinere.2018.31251. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/31251>

MACENA, W. G.; HERMANO, L. O.; COSTA, T. C. Alterações fisiológicas decorrentes do envelhecimento. **Revista Mosaicum**, v. 15, n. 27, p. 223-238, 2018.

MAIA, G. F. Corpo e velhice na contemporaneidade. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, dez. 2008.

MAY, R. **Existential psychotherapy**. Nutley, N.J.: Roche Laboratories, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. **La nature: Cours du Collège de France: Notes, suivi des résumés de cours correspondants**. Paris: Éditions du Seuil, (1994).

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOUSTAKAS, C. E. **Loneliness and Love**. Prentice-Hall, 1972.

NÓBREGA, T. P. DA. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 13, n. 2, p. 141–148, 2008.

NOGUEIRA, C. F. Envelhecimento e projeto de ser: uma perspectiva fenomenológico-existencial. **Anais do II Colóquio Internacional Sobre a Clínica Humanista-Fenomenológica e do IV Colóquio Nacional Sobre a Clínica Humanista-Fenomenológica**. Fortaleza: UNIFOR, 2014.

PINHEIRO, A.; TAMAYO. **Conceituação e Definição de Solidão**. [s.l: s.n.]. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984\\_art\\_aaapinheiroatamayo.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984_art_aaapinheiroatamayo.pdf). 1984.

**Redução da mortalidade por Aids no Estado** | Seade Informa. Disponível em: <<https://informa.seade.gov.br/reducao-da-mortalidade-por-aids-no-estado/>>. Acesso em: 24 out. 2024.

RUGGERO, N. A inevitável solidão para as personagens femininas. **Cadernos: Centro Universitário São Camilo**, São Paulo, v. X, n. 4, p. 38-42, out/dez. 2004.

SANTOS, J. V. O. *et al.* O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 38, n. 2, p. 159-172, Aug. 2020.

SILVA, J. **O impacto da AIDS na Saúde Mental e Qualidade de Vida de pessoas na maturidade e velhice**. 2011. 201 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - UFPB, João Pessoa, 2011.

SILVA, R. V.; OLIVEIRA, W. F. DE .. O Método Fenomenológico nas Pesquisas em Saúde No Brasil: Uma Análise de Produção Científica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 1421–1441, set. 2018.

STINCHCOMBE, A. *et al.* Healthcare and End-of-Life Needs of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Older Adults: A Scoping Review. **Geriatrics**, v. 2, n. 1, p. 13, 16 mar. 2017.

TAVARES, L. N.; SILVA, L. C. da. A velhice e a exterioridade: o olhar do outro na velhice, uma compreensão existencial. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 405–419, 2019. DOI: 10.23925/2176-901X.2019v22i1p405-419.

TORELLI, W. R. N.; BESSA, T. A. DE .; GRAEFF, B.. Preconceito contra pessoa idosa LGBT em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI): uma revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 11, p. 3123–3135, nov. 2023.

VIEGAS, F. L. **Tempo, corpo e amores disparatados: panorama sobre senescência e homossexualidade no mundo contemporâneo**. 2019.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas, Campinas**, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

WESTON, K. **Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship**. New York: Columbia University Press, 1991.

WILLIAMS, L. M. A Concept of Loneliness in the Elderly. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 26, n. 4, p. 183–187, abr. 1978.

ZANON, R. R.; MORETTO, A. C.; RODRIGUES, R. L. Envelhecimento populacional e mudanças no padrão de consumo e na estrutura produtiva brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. S45–S67, 2013.